

## LITERATURA X HISTÓRIA: O HOMEM LAMPIÃO NA MITOLOGIA DO CORDEL

Arusha Kelly Carvalho de OLiveira <sup>1</sup>  
Stélio Torquato Lima <sup>2</sup>

### RESUMO

Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente por Lampião, foi o principal e mais conhecido cangaceiro brasileiro. Ficou conhecido como o "rei do Cangaço", figura emblemática que circundava os sertões nordestinos, implantando terror e guerra, ao disputar com as Volantes – força policial destinada a reprimir cangaceiros. Por muitos feitos e relatos orais de suas passagens por diversas cidades do Nordeste, o homem acabou mistificando-se e, misturando o real com o literário. Personagem principal de vários enredos é cultuado ora bandido, ora herói, pois, mesmo dentre sua selvageria, era justo e sempre se preocupava com os desfavorecidos. O presente trabalho abordará essa figura versátil: homem guerreiro; bandido destemido; governador do Sertão, com o Rei do Cangaço – figura notória no Cordel e no Cancioneiro Popular.

**Palavras-chave:** Cordel, Lampião, Literatura Popular, Literatura Comparada.

### INTRODUÇÃO

Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente por Lampião, foi o principal e mais conhecido cangaceiro brasileiro. Ficou conhecido como o "rei do Cangaço", figura emblemática que circundava os sertões nordestinos, implantando terror e guerra, ao disputar com as Volantes – força policial destinada a reprimir cangaceiros. Por muitos feitos e relatos orais de suas passagens por diversas cidades do Nordeste, o homem acabou mistificando-se e, misturando o real com o literário. Personagem principal de vários enredos é cultuado ora bandido, ora herói, pois, mesmo dentre sua selvageria, era justo e sempre se preocupava com os desfavorecidos. O presente trabalho abordará essa figura versátil: homem guerreiro; bandido destemido; governador do Sertão, com o Rei do Cangaço – figura notória no Cordel e no Cancioneiro Popular.

Apresentar comparações da figura de Virgulino Ferreira da Silva com o Rei do Cangaço, Lampião – figura mítica retratada e cantada em vários Cordéis e no Cancioneiro Popular, fazendo um estudo histórico-comparativo do sertanejo, do início do Século XX.

---

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará - UFC, arusha\_ddm@hotmail.com;

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Letras, Universidade Federal do Ceará - UFC, profstelio@yahoo.com.br

Ao fazermos um estudo histórico-comparativo do sertanejo, do início do Século XX, e a vida de Virgulino Ferreira da Silva, apresentar-se uma análise do Banditismo e o surgimento do Cangaço.

Mostrar o surgimento do Capitão Lampião e sua luta pelos estados do Nordeste e comparar como o Rei do Cangaço é transformado em herói na Literatura e no Cancioneiro Popular.

Ao final, deveremos apontar como a História se mescla com o fictício para compor um fato: O “maravilhoso” mundo do cangaceiro ao analisar os contextos históricos que há sobre o tema do Cangaço em comparação com os relatos feitos, em Cordéis, pelos poetas populares, de suas memórias, sobre o Cangaço e sua figura principal: Lampião.

## **METODOLOGIA**

Apresentar comparações da figura de Virgulino Ferreira da Silva, nordestino e vítima de várias mazelas pela vida, com o Rei do Cangaço. Analisar Lampião – figura mítica retratada e cantada em vários Cordéis e no Cancioneiro Popular. Fazer um estudo histórico-comparativo do sertanejo, do início do Século XX, e a vida de Virgulino Ferreira da Silva. Fazer uma análise do Banditismo e o surgimento do Cangaço. Mostrar o surgimento do Capitão Lampião e sua luta pelos estados do Nordeste. Comparar como o Rei do Cangaço é transformado em herói na Literatura e no Cancioneiro Popular. Apontar como a História se mescla com o fictício para compor um fato: O “maravilhoso” mundo do cangaceiro.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **1. O CANGAÇO**

#### **1.1. De bandido a herói: o cangaço no sertão nordestino**

A seca, além de ser um problema climático, é uma situação que gera dificuldades sociais para as pessoas que habitam a região. Com a falta de água, torna-se difícil o desenvolvimento da agricultura e a criação de animais. Desta forma, a seca provoca a falta de recursos econômicos, gerando fome e miséria no sertão nordestino. Muitas vezes, as pessoas precisam andar durante horas, sob Sol e calor forte, para pegar água, muitas vezes suja e contaminada. Com uma alimentação precária e consumo de água de péssima qualidade, os habitantes do sertão nordestino acabam vítimas de muitas doenças.

O fenômeno da seca é um complexo físico-social e deve ser considerado unitariamente. Não se limita ao seu aspecto meteorológico, de simples escassez e má distribuição de chuvas. Há, ao mesmo tempo, outro aspecto, muito mais importante – o seu lado social. (ALMEIDA, 1978, p. 10)

O desemprego nesta região também é muito elevado, provocando o êxodo rural (saída das pessoas do campo em direção as cidades). Muitas habitantes fogem da seca em busca de melhores condições de vida nas cidades.

Estas regiões ficam na dependência de ações públicas assistencialistas que nem sempre funcionam e, mesmo quando funcionam, não gera condições para um desenvolvimento sustentável da região.

A região sertaneja na qual Virgulino morava era marcada pela seca, a pobreza e também um grande número de conflitos familiares. Sua família, por sinal, estava envolvida nesses conflitos morais.

## 1.2. O que era ser cangaceiro

Os cangaceiros eram homens que andavam armados e em bandos pelo sertão nordestino nas primeiras décadas do século XX. Tinham suas próprias regras de conduta e suas próprias leis.

Os cangaceiros usavam roupas e chapéus de couro, pois andavam muito pela catinga. Este tipo de vegetação possui muitos espinhos e esta roupa fornecia proteção aos cangaceiros. Existiram vários bandos de cangaceiros, porém o mais conhecido foi o liderado por Lampião (conhecido como o "rei do cangaço"). Outros cangaceiros conhecidos deste período foram Antônio Silvino e Corisco.

O cangaço torna-se, assim, elemento de resistência, ainda que marcada pela ausência de reflexão mais profunda e refinada da parte dos que a ele aderem ou manifestam simpatia :nega-se a partir de um sentimento difuso de injustiça, de descaso, de falta de perspectivas, ou mesmo de indistinção, de incapacidade em reconhecer quem é verdadeiramente o mocinho ou o vilão em uma situação em que o terror e a opressão constituem os únicos meios de administração dos conflitos, seja da parte dos poderes legalmente constituídos, seja por parte dos que se põe à margem da lei. (CARDOSO, 2011, p.02)

Vagavam de um local para o outro (não possuíam residência fixa), vivendo de saques e doações. Eles eram temidos pelas pessoas e espalhavam o medo por onde passavam. Frequentemente, enfrentavam as forças policiais do governo.

O drama social que a retirada tem provocado é acrescido de mais um elemento. O conflito que nasce no seio da comunidade flagelada gerado pela condição de vida submissa da população, sujeita a todo instante às leis do mais forte. À proporção que a calamidade se espalha, mais os aproveitadores dessa classe humilhada crescem suas asas e suas garras. (LANDIM, 2005, p. 159)

O poder de Lampião cresceu com o passar dos anos. Logo ele formou um bando de cangaceiros fieis que o seguiam por todos os lados. O grupo era temido por onde passava, impondo respeito e também o medo. Seus cangaceiros estavam sempre vestidos de couro e montados a cavalo. Eram personagens típicos da pobreza sertaneja com seus chapéus e sandálias, porém os cintos de munição estavam sempre evidentes para demonstração do poder.

Amulhado e de estatura meã; magro e semi corcunda; barba e nuca ordinariamente raspada; cabelos compridos e, sempre que é possível, perfumados; na perna esquerda, engravada, uma bala, com que o alvejou o sargento Quelé, da polícia, paraibana; o olho direito, branco e cego, escondido pelos óculos pardacentos, de aros dourados; mãos compridas, que semelham garras; os dedos cheios de anéis de brilhantes, falsos e verdadeiros; ao pescoço, vasto e vistoso lenço de cores berrantes, preso no alto por valioso anel de Doutor em Direito; sobre o peito, medalhas do Padre Cícero, escapulários e saquinhos de rezas fortes; chapéu de cangaceiro, tipicamente adornado de correias e metal branco; ensimesmado toda vez que defronta uma turba de curiosos, folgazão quando entre poucos estranhos ou no meio de seus comparsas; não se esquecendo dum guarda-costa vigilante, à direita, sempre que desconhecidos o rodeiam; paletó e camisa de riscado claro, calças de brim escuro; alpercatas reluzentes de ilhoses amarelos; a tiracolo, dois pesados embornais de balas e bugigangas, protegidos por uma coberta e xale finos; tórax guarnecido por três cartucheiras bem providas; ágil como um felino, mas aparentando constante estropiamento e exaustão; às mãos o fuzil e à cinta duas pistolas “Parabelum” e um punhal de setenta e oito centímetros de lâmina: eis Virgolino Ferreira da Silva – LAMPIÃO – duende das estradas, assombração das matas e caatingas! (MOTA, p. 17, 2002b)

O bando de Lampião era imponente e conseguia mais armas e munições roubando policiais e unidades paramilitares e através de furtos. Logo, a fama de ilegalidade do bando repercutiu e se tornou um caso grave para o estado.

Havia uma lista enorme de crimes cometidos por Lampião e seguidores, que envolvia roubo de gados, sequestros, assassinatos, torturas, mutilações, estupros e saques. Apesar de todo esse currículo criminal, Lampião era temido, mas também respeitado pelos sertanejos mais pobres, pois criou-se um mito de que ele e seu bando roubavam dos ricos fazendeiros,

políticos e coronéis para ajudar os pobres mais miseráveis do sertão nos sete estados onde atuou.

- E os bandoleiros?

- Abém, estes estão no seu papel. Assim mesmo, tem vez que a questão é se saber tirar eles com jeito. A não ser um ou outro cabra desalmado, eles só fazem mal a nós quando andam aperreados pelo poliça, quando desconfiam que se deu notíça deles à tropa do governo, ou quando, precisando de dinheiro, sabem que o sabagante tem em casa, mas não dá porque não quer. (MOTA, p. 41, 2002a)

Lampião foi muito ligado também a outro mito da história do Nordeste brasileiro, o Padre Cícero, do qual era devoto e acatava seus conselhos.

Para os combatentes, o bacamarte não era, em princípio, o oposto do rosário. A violência em nome do "padrinho" era também um ritual religioso. Não se tratava de uma agressão gratuita. Nem todos agiam sob direta influência de valores do sagrado, mas o impulso primordial para a grande maioria era a luta religiosa. Certamente, em uma querela de outra natureza, muitos dos que combateram não teriam disposição para pegar em armas. A devoção não elimina a violência, porque há uma violência sagrada. Por outro lado, ter a violência como profissão não elimina a devoção. Basta lembrar que Lampião e outros cangaceiros eram devotos do Padre Cícero. Rezavam como os romeiros. (RAMOS, p. 160, 2002)

Virgulino Ferreira da Silva permaneceu por 20 anos no banditismo e foi nele que conheceu e se apaixonou por sua namorada Maria Gomes de Oliveira. A popular Maria Bonita entrou para seu bando em 1930 seguindo os mesmos hábitos dos demais cangaceiros, tanto nas vestimentas como nas ações. Do relacionamento do casal, gerou uma filha, em 1932, chamada Expedita Ferreira.

A atuação do bando só chegou ao fim em 1938, quando o grupo foi traído por um membro ainda desconhecido. Lampião e os cangaceiros estavam no esconderijo que consideravam mais seguro no sertão do Sergipe, Angicos, quando foram atacados ao nascer do sol do dia 28 de julho. Quando perceberam a aproximação dos policiais, já era tarde. Eles abriram fogo contra os cangaceiros que não tiveram qualquer chance de defesa.

## 2. VIRGULIONO FERREIRA DA SILVA, O LAMPIÃO

### 2.1. O homem que viveu da morte

Virgulino Ferreira da Silva 1897(?) – 1938, nascido em Vila Bela, atual Serra Talhada-PE, foi o terceiro filho de uma família de 8 irmãos. Alguns de seus irmãos entraram em seu bando quando tornou-se Cangaceiro.

Ele era um sujeito atípico na realidade do sertão, trabalhou até os 21 anos de idade como artesão e recebeu seu famoso apelido supostamente por sua habilidade que o fez modificar um fuzil permitindo-o mais rapidez. Esta versão diz que o cano do fuzil aquecia tanto que lembrava o brilho de um lampião.

Por conta de uma disputa de famílias, no interior de Pernambuco, e tendo um irmão ferido, o jovem Virgulino resolve fazer justiça e mata o desafeto de seu irmão, mas, sua “queda”, para a bandidagem, veio com a vingança à morte de seu pai pela polícia.

Agregou muitos “seguidores” (não mais que 50 pessoas) que, pelos olhos dos sertanejos oprimidos, o via como um herói – o Robin Hood do Sertão. Lutando contra os tiranos, saqueando as grandes fazendas e dividindo com o pequeno produtor rural.

O messianismo tem sido um movimento popular, muitas vezes não violento, que pode ser comparado a uma tentativa de secessão em vez de uma verdadeira revolta, o que explica por que a repressão foi tão violenta, tão radical. Esses movimentos foram caracterizados pelo surgimento de um ou mais profetas, uma espécie de messias anunciando o fim do sofrimento de um povo oprimido pelas misérias. Cerca de líderes carismáticos reuniram os fiéis, formando comunidades auto-suficientes, isoladas da comunidade do sertão.

Para as elites políticas e o poder central, seja sob a república ou sob Vargas, esses movimentos denominados messiânicos frustraram os planos de modernização e unificação nacional e revelaram as profundas diferenças entre dois mundos e duas culturas, estranhas entre si. o outro: o sertão e o litoral. Assim, a luta do Estado contra as chamadas seitas políticas e religiosas era, a cada vez, permitir um sentimento de identidade nacional. O santo e o bandido, cada um à sua maneira, representavam uma reação à arbitrariedade do meio ambiente. Porque a terra era de fato um "exílio insuportável".

Alguns fizeram do Lampião, já vivo, uma imagem messiânica, até mesmo de Cristo, para o desenvolvimento do qual o próprio Lampião teria contribuído com a fé de seus homens e de todos os sertanejos. Alguns relatos, posteriores, chegaram a tornar essa identificação de Lampião em Cristo um elemento constituinte de seu caráter. A história de sua vida e morte teria sido pontuada por semelhanças com passagens da vida de Cristo: o nome do pai de Lampião era José, sua mãe Maria; Lampião teria vivido a sua adolescência na cidade de Nazaré; o número 12, evocando os 12 apóstolos, é frequentemente relatado, como correspondendo aos destaques de sua vida.

Por outro lado, quando a imprensa do litoral toma a noção de messianismo em Lampião, é denunciar o usurpador, o blasfemo, o perjúrio e o impostor. O cangaceiro é um homem errante que muda de território constantemente. Se acontecer de ele se reunir em uma

igreja ou ser abençoado por um padre, é fortuito. Os pontos de ancoragem onde o ritual religioso pode ser exercido regularmente são proibidos.

A flagrante contradição entre a monstrosidade dos crimes de Lampião e sua religiosidade é um dos temas recorrentes da imprensa costeira até a morte de Lampião. Se os jornalistas evocam qualquer identificação messiânica, é, como vimos, denunciar o usurpador, o manipulador. Mas, quando os jornalistas questionam a extrema piedade de Lampião, seu respeito pelo dogma católico, não é apenas para enfatizar sua natureza diabólica, sua monstrosidade, é, também, negar-lhe qualquer pertencimento.

Diz que um dos divertimentos favoritos de Lampião é sacudir brasas dentro de redes que durmam criancinhas. Regala-lhe a vista o espetáculo dos inocentes esperneando queimados. Entretanto, quando estive na cidade cearense de Limoeiro, após haver recuado de Mossoró, distribuiu esmolas no valor de vários contos de réis e fez importante donativo em prol da reconstrução da matriz local. (MOTA, p. 50, 2002a)

Pertencendo à sociedade, pertencente à cristandade, quando olhamos para o fim da vida de Lampião, vemos que o desejo de reinterpretar e destruir sua imagem andava de mãos dadas com uma vontade política de pôr fim a qualquer manifestação de desordem no que era agora o território nacional. Como resultado, o chamado fanatismo religioso no sertão, que surgiu no final do reinado de Lampião, como os movimentos Calderão e Pau de Colher, foi reprimido no sangue.

Em relação a Pau de Colher, reprimido em 1938, as forças das volantes, sob o comando de Optato Gueiros, que lutaram com Lampião por muitos anos, mataram mais de 400 fiéis. Quanto a Lampião, passou da categoria de bandido sertanejo para o de extremista. Ele perdeu a especificidade cultural e regional que lhe deu sua identidade. Ele não era mais considerado um inimigo do sertão, trancado em suas fronteiras impenetráveis, mas como inimigo do Brasil. Enquanto ele exercia seu domínio sobre uma região que o Estado não controlava bem, a polícia não conseguiu - ou não tentou ter sucesso - em dominá-lo ou aniquilá-lo.

A transformação de seu status finalmente permitiu que as autoridades policiais implementassem outros meios, enquanto impondo ao sertão outra imagem de Lampião. Quando as forças das volantes, do tenente João Bezerra, mataram Lampião, em 28 de julho de 1938, eles também pensaram que ele havia obliterado sua imagem. Numa espécie de resposta invertida à alegação de todo o poder e invulnerabilidade de Lampião, eles o decapitaram e exibiram sua cabeça e a de seus companheiros como troféus, a fim de mostrar aos olhos do mundo que esse corpo fechado, impermeável a balas e com uma faca poderia ser fragmentada.

### 3.LITERATURA X HISTÓRIA: O HOMEM LAMPIÃO NA MITOLOGIA DO CORDEL

#### 3.1.Lampião no cordel

O imaginário é sistema produtor de ideias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível. Atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não experimentado.

É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real mais real que o real concreto.

Conceito amplo e discutido, o imaginário encontra a sua base de entendimento na ideia da representação. Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente.

Difícil separar os fatos reais do que a imaginação popular criou caracterizar a ferocidade do facínora e seu bando. O noticiário da Imprensa da época dava sempre destaque especial a todos os cometimentos do bandido. A imaginação popular aumentava ainda mais as atrocidades cometidas, nos comentários feitos aos ataques a vilas e fazendas, nas mortes dos agricultores, de viajantes ou de policiais que caíam sob as garras do assassino. (MARTINS, p. 7, 2002)

Mesmo que os seguidores da História Cultural sejam frequentemente atacados por negarem a realidade, acusação absurda e mesmo ridícula, nenhum pesquisador, em sua consciência, poderia desconsiderar a presença do real.

Virgulino Ferreira da Silva, o temível Lampião, é de longe o personagem mais biografado no Cordel. Nenhuma outra personalidade histórica chama mais a atenção dos vates populares.

O mais famoso folheto sobre o Rei do Cangaço, *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco, já ultrapassou em muito a marca de um milhão de exemplares vendidos. Nele, a notícia trazida pela alma penada de um cangaceiro, certo Pilão Deitado, dá conta da confusão dos diabos (sem trocadilhos) provocada pelo Capitão recém-chegado às profundas.

Composto em setilhas, desde o início este folheto exerce um fascínio irresistível no leitor, graças ao humor ao mesmo tempo ingênuo e malicioso:

Um cabra de Lampião  
De nome Pilão Deitado  
Que morreu numa trincheira  
Num certo tempo passado  
Agora pelo sertão Anda correndo visão  
Fazendo mal-assombrado

E foi quem trouxe a notícia  
Que viu Lampião chegar  
O inferno nesse dia  
Faltou pouco pra virar  
Incendiou-se o mercado  
Morreu tanto cão queimado  
Que faz gosto inté contar

O poeta Laurindo Gomes Maciel, no folheto *Lampião arrependido da vida de cangaceiro*, escrito, provavelmente na década de 1930, quando o facínora estava vivo, apela ao Governo que acabe logo com sua raça. Nem todo mundo via Lampião como um Robin Hood que fez da caatinga sua Sherwood. O próprio Lampião, admirador da poesia popular, deixou registrados em setilha sua sina errante e os motivos que o impeliram ao crime:

Nunca pensei que na vida  
Fosse preciso brigar  
Apesar de ter intrigas  
Gostava de trabalhar  
Mas hoje sou cangaceiro  
Enfrentarei o balseiro  
O meu destino é matar.

Nenhuma biografia em Cordel do bandoleiro, porém, supera *Os cabras de Lampião*, de Manoel D’Almeida Filho, verdadeira epopeia sertaneja em 632 impressionantes sextilhas. Antônio Teodoro dos Santos, em *Lampião, o Rei do Cangaço*, de 1957, mistura o real e o lendário, o homem e o mito. Publicações mais recentes, como *Lampião e seu escudo invisível*, de Costa Senna, e *Lampião: herói ou bandido?*, de João Firmino Cabral, comprovam que o tema ainda acrescentará muitas páginas à literatura popular em verso, sempre receptiva aos romances trágicos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O enfoque, porém, que privilegiamos, é a compreensão e entendimento de que, o sertanejo vive em um universo das perdas, que se provocam nos planos tanto físico, quanto imaterial e o sinistro climático e social. Reconhece-se a importância de se efetuar estudos sobre a recepção e apropriação da obra pelo público em geral. A sensação de perda que se pode explorar neste tipo de literatura, que é o relato da seca, é expressa em muitas canções. Perda que se dá por uma ruptura com o lugar e as pessoas que nele habitam.

A vida violenta faz parte do cotidiano das personagens. São pessoas marginais, ou seja, que vivem à margem da sociedade - procurados pela polícia e temidos pela população. Passam a lidar com os mais variados temas, conforme vão se identificando com as preocupações da vida: o bem e o mal; Deus e o Diabo; o amor e a violência; a morte e traição, levando a tudo há um grande aprendizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo CARDOSO (2011, p.02): O cangaço torna-se, assim, elemento de resistência, ainda que marcada pela ausência de reflexão mais profunda e refinada da parte dos que a ele aderem ou manifestam simpatia; nega-se a partir de um sentimento difuso de injustiça, de descaso, de falta de perspectivas, ou mesmo de indistinção, de incapacidade em reconhecer quem é verdadeiramente o mocinho ou o vilão em uma situação em que o terror e a opressão constituem os únicos meios de administração dos conflitos, seja da parte dos poderes legalmente constituídos, seja por parte dos que se põe à margem da lei.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fenelon. **As Vozes da Seca**. Fortaleza: ACI, 1978.

BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito da História IN Walter Benjamin **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política – Ensaio sobre Literatura e História da Cultura – Vol 1**. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

CARDOSO, Tânia Maria de Souza. **Literatura de Cordel sobre O Cangaceiro Lampião**. Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. 3. ed. Belo Horizonte; São Paulo:

Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1984. 328p. (Reconquista do Brasil, Nova Série – 81. 1. ed. 1937).

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1963.

JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo: Cultirx, 1976.

LANDIM, Teoberto. **Seca**: a estação do inferno – Uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador. 2. Ed. Fortaleza: Editoras UFC, 2005.

MARTINS, Fran. Lampião e seu tempo In **No Tempo de Lampião**. 3. Ed. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC, 2002.

MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. 3. Ed. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sertão Alegre**. 2. Ed. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC, 2002.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Narrativas em Fogo Cruzado** – Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. Fortaleza: Trajetos Revista de história da UFC, v. 2, n. 3, p. 134-151, 2002.  
Disponível em:  
<[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17208/1/2002\\_art\\_frlramos.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17208/1/2002_art_frlramos.pdf)>. Acesso em 12 abr. 2019.

ROCHA, José Pacheco da. **A Chegada de Lampião ao Inferno**. (1962, 1. Ed.). Fortaleza: Tupynamquim Editora, 2005.

VIEIRA, Francisco Jacson Martins. **A Mitificação das figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião através da Literatura de Cordel**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012.